

CENTRO EDUCA MAIS ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

ANA VITÓRIA RODRIGUES SOUZA

DANDARA LUÍSA FIQUEIREDO CAMPOS

JHENYFFE LOPES SOUZA

TAMBOR DE CRIOLA: A DESVALORIZAÇÃO DA CULTURA NA REGIÃO VITORIENSE

Dona Benedita, nascida e criada na cidade de Vitória do Mearim-Maranhão, sente falta da presença cultural do tambor de crioula em sua região. Na sua infância, presenciava sua mãe “batendo caixa”

Ao perguntar sua idade, percebeu-se um problema rotineiro interiorano maranhense, o analfabetismo na sua forma mais enraizada: - "dizem eles, que eu tenho 70 né?". A resposta destaca a necessidade e amparo de outras pessoas, por conta da idade.

Percebemos durante a conversa que abrangia diferentes visualizações socioculturais, a necessidade de uma valorização enfática ao tambor de crioula na região vitoriense. A senhora, em falas simples, mas de robustos conhecimentos histórico-sociais, descrevia o esquecimento que sua cultura enfrentava. Sua última “comadre” de dança havia falecido há exatamente dez dias antes da gravação, e não havia tocadores de tambor nem outras colegas que lhe trouxessem a alegria do “batuque da caixa” como ela mesmo dizia.

Outro fato de notória menção é quando há a citação: - “me convidaram ‘pra’ ser crente, mas eu tenho meus santos... é bom porque fala de Deus, mas meus ‘santo’ eu não jogo fora”. Observa-se de forma nítida o preconceito ainda pertinente não só com o Tambor de Crioula, mas com sua fé natural de matriz africana, a Umbanda.

De forma exuberante e acalorada, ela nos informa uma situação que não fora gravada: sua filha antes de falecer decidiu ir a uma boiada e quando chegara em casa “se despediu com o que mais gostava, dançou a noite toda e morreu pela manhã”, disse dona Benedita, da mesma forma como aconteceu com a minha mãe: - “minha mãe disse que queria morrer com tambor, eu disse que ia bater, eu batia e cantava e a gente via a boca dela mexendo, ela ‘tava’ cantando e assim ela foi”. A herança fora deixada em várias gerações e de forma costumeira foi-se perdendo como várias outras, as quais caíram no esquecimento.

Como estávamos em busca de conhecer um pouco da cultura africana, especificamente o tambor de crioula, dona Benedita de bom grado, passou a nos mostrar docemente os passos com o pé esquerdo que tomava a frente do direito, seguiam o ritmo do tambor que guiavam as saias. Ela passava o pé pelo chão de cimento queimado da sua casa e disse-nos como dançar. Logo, tomamos a rua com a dona Francimar Pereira Garcia, de 41 anos, que também é apreciadora da cultura e dançante, extasiada disse: - “essa aí é considerada!”, referindo-se a Adelaide.

Ela transparecia a felicidade em dançar depois de um tempo. E até disse: - “Eita que se vierem aqui ‘pra’ porta mais vezes vocês aprende rapidinho, já tá no jeito”, esplandecendo a alegria em dançar. O seu dialeto costumeiro e rico em falas repletas de negritude que rompia as barreiras da juventude moderna, impactou a conversação que logo diferenciou gerações. Uma casa simples, um tambor e alguns santos continham tanta história, que por si só estenderiam o vídeo em mais horas.

Dona Benedita Adelaide da Cruz, saudosamente reverenciada por batuques, devota de São Benedito, e abençoada pelo Divino Espírito Santo, além do tambor de crioula, ela também apreciava o bumba-meu-boi, dançava e virava a noite na "boiada", as saias rodavam e rastejavam nas terras dos diversos interiores que passava, Vila Nova, Caçoada, Preguiça, Santa Rosa, São Benedito, Sumaúma. Entre tantos outros que a força quilombola resistia desde os engenhos. O Tambor de Crioula resiste há anos um assombroso esquecimento, e isso que torna a nossa Griotte a guardiã de uma ancestralidade excepcional.

Finalizamos com uma pequena estrofe do poema de nossa autoria:

“Bate-se o tambor,

Lança a palma ao coro aquecido na fogueira,

Espera-se de mim que a dor erga a cultura afro-brasileira.